

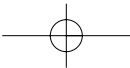
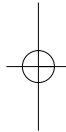
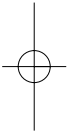
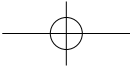


Diversidades e Trabalho



Ministério
da Educação





Apresentação

Ao longo de sua história, o Brasil tem enfrentado o problema da exclusão social que gerou grande impacto nos sistemas educacionais. Hoje, milhões de brasileiros ainda não se beneficiam do ingresso e da permanência na escola, ou seja, não têm acesso a um sistema de educação que os acolha.

Educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos e dever do Estado; garantir o exercício desse direito é um desafio que impõe decisões inovadoras.

Para enfrentar esse desafio, o Ministério da Educação criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secad, cuja tarefa é criar as estruturas necessárias para formular, implementar, fomentar e avaliar as políticas públicas voltadas para os grupos tradicionalmente excluídos de seus direitos, como as pessoas com 15 anos ou mais que não completaram o Ensino Fundamental.

Efetivar o direito à educação dos jovens e dos adultos ultrapassa a ampliação da oferta de vagas nos sistemas públicos de ensino. É necessário que o ensino seja adequado aos que ingressam na escola ou retornam a ela fora do tempo regular: que ele prime pela qualidade, valorizando e respeitando as experiências e os conhecimentos dos alunos.

Com esse intuito, a Secad apresenta os *Cadernos de EJA: materiais pedagógicos para o 1.º e o 2.º segmentos do ensino fundamental de jovens e adultos*. “Trabalho” será o tema da abordagem dos cadernos, pela importância que tem no cotidiano dos alunos.

A coleção é composta de 27 cadernos: 13 para o aluno, 13 para o professor e um com a concepção metodológica e pedagógica do material. O caderno do aluno é uma coletânea de textos de diferentes gêneros e diversas fontes; o do professor é um catálogo de atividades, com sugestões para o trabalho com esses textos.

A Secad não espera que este material seja o único utilizado nas salas de aula. Ao contrário, com ele busca ampliar o rol do que pode ser selecionado pelo educador, incentivando a articulação e a integração das diversas áreas do conhecimento.

Bom trabalho!

Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade – Secad/MEC

Sumário



TEXTO

1. Negros de fé	6
2. Depoimentos de escravos brasileiros	8
3. Caipira picando fumo	13
4. Sobre os velhos	14
5. Trabalhadores do mundo	16
6. A gravata	19
7. Japoneses na Amazônia	20
8. Quantos morros	22
9. Operários	25
10. O gafanhoto	26
11. The Amish	28
12. Os quilombos	30
13. Diversity	33

14. O outro Brasil que vem aí	34
15. Quanto mais misturado melhor	37
16. Na cidade as pessoas não se respeitam	38
17. Desfile de sabores	39
18. Estatuto do idoso	42
19. Merica	46
20. A terra do homem	48
21. Irmãos da floresta	50
22. Estudante cego realiza mostra fotográfica	58
23. O prato dos sábados	61



ENSAIO: NEGROS DE FÉ

Na sua maioria originários do Daomé, os negros de São Luís formam uma especialíssima comunidade com seus rituais profanos e religiosos

Fotos: Márcio Vasconcelos



Os rituais típicos dos sincretismos religiosos maranhenses utilizam roupas e ritos diferentes dos usados por outras comunidades neo-africanas brasileiras.



O sociólogo francês Roger Bastide notou a diferença entre os costumes daometanos dos negros maranhenses e os dos demais grupos negros do país.

Flávia Regina

As fotos de Márcio Vasconcelos captam vestígios de momentos sagrados, cuja religião é a própria tradição africana no Maranhão. São registros de uma ressonância forte, presente em manifestações da cultura popular maranhense que atravessam os séculos. O Estado com a terceira maior população negra do país, às vésperas da independência do Brasil, possuía o mais alto percentual de escravos da colônia. Hoje, são 610 comunidades negras rurais, e uma população quilombola de aproximadamente 90.000 pessoas. O olhar do fotógrafo busca instantes quase inapreensíveis de danças ou movimentos que reverenciam o sagrado e o profano no tambor-de-crioula, no bumba-meu-boi, na Festa do Divino Espírito Santo, nos Reizados e nos rituais em terreiros de candomblé e mina. As fotos sugerem parte da explicação para a frase do sociólogo francês Roger Bastide, na década de 1970: “São



O escritor Câmara Cascudo atribui vários ritos do Maranhão à presença de membros da família Real do Daomé entre os escravizados naquele Estado.

Luís é uma ilha de resistência africana, mais especificamente daometana”. No mês de junho, a capital do Maranhão ecoa o rufar de tambores e o estalar de matracas que povoam o Estado o ano inteiro.

Flávia Regina é jornalista.

Márcio Vasconcelos é fotógrafo profissional e há mais de uma década registra as manifestações da cultura popular do Maranhão. Nos últimos anos, vem trabalhando junto à Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Aconeruq).

Extraído da revista Caros Amigos, nº 87, ano 2004.



O país ainda não resgatou a dívida que os antigos

DEPOIMENTOS

DE ESCRAVOS BRASILEIROS

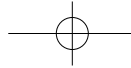


Descendentes de escravos no Morro da Babilônia, Rio de Janeiro, 1910.

Foto: Acervo Iconografia

Em julho de 1982, o estudante de história Fernando de Mello entrevistou Mariano dos Santos, ex-escravo nascido entre 1870 e 1880 que, alegre e gentilmente, falou de seu passado. O depoimento

é muito importante, pois revela que os escravos brasileiros tinham um código lingüístico próprio, além de preciosas informações para uma melhor compreensão do escravismo colonial.



acumularam com os povos escravizados



Aqui está um pequeno trecho da entrevista:

E: Como era sua vida na fazenda, no tempo da escravidão?

M: Era trabaiaando!! De cedo à noite. Era no enxadão, de cedo à noite. Só largava de noite. Comendo em cuia de purungo; em coquinho de madeira. Racionado, ainda! Não era comida, assim, como agora. Era os poquino, os poquino. E o feitor ali. Nós não tinha tempo de descansar as cadera, nem dez minuto que (como) agora. E o feitor ali, com o bacaiu — que agora dizem chicote —, mas naquele tempo eles diziam bacaiu.

“Nóis não tinha tempo de descansar as cadera nem dez minuto, como agora. E o feitor ali, com o bacaiu — que agora dizem chicote”

E: Na hora do trabalho, um escravo podia conversar com outro?

M: Não!!!

E: Só de noite?

M: Só de noite e ainda poquino. Porque o senhor vê que a pessoa que bate (trabalha) o dia todo, quando chega a noite, o corpo tá cansado.

E: E o feitor batia, sem mais nem menos?

M: Batia! E ali não tinha, não podia parar. Então, é o que eu conto: rançando raiz de pinheiro, raiz de madeira, arando terra, cultivando. E se fosse madeirinha fina, cada madeira! Que agora só no sertão que tem. Caviúna, ipê, aquele pau-de-alho, alequim, chifre-de-carnero, madeira que

prestasse, dava pra fazer um cabo de machado... Não tinha o que não tivesse naquele mato. O roçador que dissesse, hoje, “eu tiro doze e meia”, não tirava. Não tirava nem a metade. (...) Tirando duas, três por maçada. Cortando a madeirada dura — que agora não tem pra qui — tirava a metade de doze e

meia. Podia ser o roçador que fosse! E naquele tempo ninguém trabaiaava pra si. Trabaiaava só pra eles. Pros feitores, pros chefes. (...) Trabaiaava pra comida. Pra comida que comia e era assim que se trabaiaava.

(...)

M: E no tempo dos escravos, e depois dos escravos, da escravidão mesmo, inda passei fome. Porque, depois da libertação,

Texto 2 / A luta dos negros



nóis saímo. Saímo sem nada — sem recurso, só com a roupa do corpo. Aí depois da libertação (...) com meus mais velhos, que o dão Pedrinho Segundo, a princesa Isabel, teve esta caridade pro povo, saímo. Nóis não tinha nada. Porque meus avô, meu pai, andava que nem passarinho, como saiu no jornal.

E: Mas o feitor, o senhor, eles não davam comida?

M: Davam mas era racionada. (...) Era poquinha coisa. Em cuia de purungo. Em cocho de madeira.

E: Onde vocês dormiam?

M: Tinha uns paiolzinho de dormir, cobertos com foia (folha) de taquara, chapim (talvez capim). No mais, cama de madeira nós não podia trabaiaí. Ninguém trabaiaava pra si. Era só pra bóia.

E: Moravam todos juntos, nos paióis?

M: Tudo um pertinho do outro. Um pertinho do outro.

E: Homem, mulher, todos misturados?

M: Homem... Não tinha apartamento. Por-

que, aí, então, é que eu conto. E agora nós tam na glória.

E: Quando algum escravo ficava doente, o que faziam? Chamavam médico?

M: Não tinha médico!!! Naquele tempo não tinha médico.

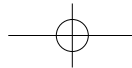
“Tinha uns paiolzinho de dormir, cobertos com foia de taquara, chapim. (...) cama de madeira nós não podia trabaiaí. Ninguém trabaiaava pra si. Era só pra bóia.”

E: Quem cuidava dos escravos?

M: Os pais davam remédio do mato. De bugre (risada). Porque o senhor vê que bugre não procurava casa, não procurava remédio dos médicos. Depois da libertação que foi trocando tudo de moda, é que tá vindo médico para uma coisa, pra outra (risada).

E: Os escravos tinham muita raiva do feitor, do senhor?

M: Pois é. Tinha, porque era sofrimento. Tava passando fome, trabaiaando diariamente, os dia todinho. Até pra comê era de pé. Não tinha descanso. Então, e se ele o feitor soubesse que qualquer um reclamou, eles mandavam pegar, argemado e amarrado no meio do terrero — que lês diziam tronco... E ficava o dia, tivesse frio,



Fotos: Acervo Iconografia



Em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea que concedeu liberdade aos escravos.

tivesse garoa de vento do mar, sol. Ficavam amarrado o dia todinho. E se não se aquebrantasse, pousava (*dormia*), amarrado, argemado, oco. Se garrava o mar (*fugisse*), porque não agüentava a judiaria — saía. E vinham de trás, com a faca bem apontada, furavam as solas dos pés. Ficava que a mesma coisa que a pessoa tá descalça, pisando numa touceira de espinho, tudo aonde catuca aqueles espinhos dói. Então, ficava com os pés patinhando...

E: *Fugia muita gente?*

M: Não tinha. Porque eles iam de trás, achavam.

E: *Mas fugia?*

M: Fugia. Agarravam o oco, ia pro mato, deitava no mato. Porque era dura a luta. O senhor vê que no enxadão, picareta, arando o chão, rancando raiz de pinheiro, raiz de maderada, destes tocos duros, dia tudinho! Sem descanso! De cedo à noite! Não agüenta... Mas como eu falei, eles iam atrás. Traziam. Furavam, às veiz, a sola dos pés com ponta de faca. O outro castigo era a palmatória na mão, que ficava qu'era um bolo inchado. E tinha que trabaiá... Os que não agüentavam mais de idade eles pinchavam (*colocavam*) num paiolzinho veio. Daí, a comida era por

Texto 2 / A luta dos negros



semana. Se comesse tudo antes de entrá a outra semana... E reclamasse pra ver... Porque eles faziam o que queriam.

E: *O que eles faziam com os escravos mais velhinhos?*

M: Pois é, como eu tava contando. O que não agüentava mais, o que ficava sem servintia, eles pinchava num paiolzinho véio. E a comida ia por semana.

(...)

E: *O senhor teve, alguma vez, vontade de fugir?*

M: Eu apanhei, sim... Apanhei pouca vez. Porque a gente que tem vergonha, e tem capricho, toma um carão, uma vez ou duas vez, uma surra, uma vez ou duas vez, e ele não quer mais. A pessoa que tem capricho. Porque é a mesma coisa que nós pagamo um serviço pra fazer. Nós que temos vergonha, nós queremos ter o que dizê e não o que ouvi. É pra cumpri o dever e pra ganhar (...)

E depois que a princesa Isabel com dão Pedrinho teve esta caridade, então é que eu digo que agora nós tamo na glória. Tanto eu como todo o povo. Pois é, como eu expliquei, já hoje: quer ir numa festa, vai; quer ir num passeio, vai; quer ir num

lugar, vai; se vier no dia, tá bom; quer dormir a hora que quer, dorme; quer levantar cedo, levanta; se quer levantar mais tarde, levanta; e se vai, se quer dar um passeio, faz o que quer. Se vier no dia, tá bão; a hora que se alimenta; se quer vará o dia todo se alimentando, cabando, não tem quem diga você não coma ou você não divirta, ou não vai em tal lugar. Então é como eu digo, como eu falo: que tanto eu como este povo novo, de agora, depois da libertação, tamo na glória.

(...)

E é hoje que eu falo e até eu não gosto quase de me alembrá... Mas viu, passô, passô! E eu até não gosto quase de me alembrá da judiaria.

(...)

O senhor Mariano estava internado no Hospital Ernesto Gaernere de Curitiba quando deu esta entrevista. Ele faleceu dois meses depois.

Extraído do livro Depoimento de escravos brasileiros, de Mario José Maestri Filho. São Paulo: Ícone, 1988. p. 26 a 39.

CAIPIRA PICANDO FUMO

José Ferraz de Almeida Júnior



Foto/Acervo Iconographia

Quadro Caipira picando fumo, José Ferraz de Almeida Júnior. Óleo sobre tela, 202 x 141cm, 1893. Acervo da Pinacoteca do Estado. Almeida Júnior nasceu em Itu, SP, em 1850 e morreu em 1899.

Foto: Ernesto Rodrigues / AE



Instituição religiosa Santa Zita oferece aulas de computação para idosos. Na foto, professor Estevão Berger, 75, orienta a sra. Maria de Jesus Fernandes Arruda, 79.

SOBRE OS VELHOS

O envelhecimento médio brasileiro enriquecerá a população

Ana Miranda

As palavras *ancião*, *velho*, *velhice* são bonitas, são um elogio, assim como jovem, juventude. A pessoa velha também é jovem. E é criança, conserva dentro de si tudo o que viveu. Esse é o

encanto da velhice. É o tempo da plenitude.

Os velhos são pessoas sábias, que têm muito a nos ensinar. Devemos retribuir com veneração, respeito, amor. Não aquele amor bondoso e opressivo, aquela “tirania que inventa cuidados e temores que machucam”. Uma vez saí com minha nora e uma

amiga sua, muito gentil, que me dava a mão a cada meio-fio da rua, e me enchia de cuidados, tantos que acabei tropeçando. Como escreveu Paulo Mendes Campos, “libertemos os velhos de nossa fatigante bondade”.

A verdade é que gosto muito dos velhos. Acho bonitas as marcas da vivência, os cabelos brancos, as pausas na fala de um velho, seus silêncios significativos, suas impaciências, nossa fragilidade humana exposta, sua experiência. Sempre gostei de pessoas experientes, porque sempre gostei de aprender. Desde menina procurei a companhia de pessoas mais velhas. E hoje me sinto uma pessoa tão velha, tão velha como se tivesse quinhentos anos. E tenho, mesmo, porque escrevi livros passados nos séculos 16, 17, 18, 19 e 20, e é como se eu tivesse realmente vivido nesses tempos. Costumo brincar com o poeta Marco Lucchesi dizendo que ele é o meu único amigo mais velho do que eu, pois escreve sobre a origem do universo, as estrelas, os desertos. Ainda assim, nunca me sinto à altura de dizer o que diz um velho, nem tenho a mesma intensidade, nem a mesma segurança, não tenho a mesma prudência, nem o mesmo juízo agudo e eficaz. Cada palavra que um ancião diz vem carregada de significados, memórias, histórias vividas, de conhecimentos e autoridade. Suas palavras têm maior peso, maior valor. Ser velho é sinônimo de ser sábio.

Os velhos vivem um fenômeno curioso chamado ecmnésia. Uma luz misteriosa vem

a suas mentes, e eles se recordam cada vez mais de seu passado distante, de sua infância, lembram-se de detalhes, revivem com intensidade coisas acontecidas em suas vidas. Eles gostam de relatar essas memórias, e é maravilhoso ouvi-las. Essa criação inteligente da natureza nasce de um sentimento de preservação da memória, e a memória é uma negação do tempo. Porque o tempo é apenas uma convenção para organizarmos nossa compreensão do mundo. Tudo o que existiu continua a existir, e os velhos nos ensinam essa e outras lições.

Durante muitos anos, o Brasil foi um país de jovens, quando havia um crescimento da população maior que o crescimento da expectativa de vida. Hoje, as pessoas nascem menos e vivem mais. O Brasil está se tornando um país de velhos, e imagino que isso vá melhorar as coisas. A pressa, o ímpeto, a rebeldia, o sentimento de imortalidade, a descrença, a falsa sensação de que sabem tudo, essas coisas dos jovens, vão dar lugar à experiência, maturidade, fé, e maior capacidade de amor e compreensão.

Cuidado, jovens, aí vêm os velhos, furiosos.

Ana Miranda é escritora, autora de *Boca do inferno*, *Desmundo*, *Amrik*, *Dias & Dias*, *Deus-dará*, entre outros livros.
www.anamirandaliteratura.hpg.com.br

Extraído da revista *Caros Amigos*, nº 92, novembro/2004.

TRABALHADORES DO MUNDO

Os portugueses, que descobriram o Brasil em 1500, abriram caminho para mais de 3 milhões de imigrantes que vieram compor nossa raça até 1950.



O Japão no Brasil

Os primeiros imigrantes japoneses — 781 pessoas ao todo — desembarcaram no porto de Santos em 1908, trazidos pelo navio *Kasato-Marú*. Foi o início da grande imigração japonesa, que se prolongou até a década de 1950, e transformou o Brasil na nação com a maior população japonesa fora do Japão. Grande parte se instalou no Estado de São Paulo, mas há outros importantes núcleos no Paraná, Pará e Mato Grosso do Sul.

Judeus de todas as partes

Com a permissão do livre culto religioso no Brasil pela Constituição de 1891, a imigração de judeus no país aumentou. Eles vieram de várias partes do mundo — como Marrocos, Polônia, Rússia, Turquia, Grécia e Alemanha —, especialmente após

a ascensão do nazismo em 1933, e foram viver, em geral, nas cidades brasileiras, onde desenvolveram atividades ligadas ao comércio e serviços.

Árabes em busca de paz

No fim do século 19, grandes grupos de sírios e libaneses fugiram de seus países em virtude das dificuldades econômicas e das perseguições políticas pelo Império Turco-Otomano que tomou a Síria e o Líbano. Por essa razão, esses imigrantes eram chamados de “turcos”, denominação popular que não corresponde às suas origens.

Ucranianos, todos ao sul

No fim do século 19 chegaram ao Paraná os primeiros imigrantes ucranianos, atraídos pelas vantagens oferecidas pelo governo do Brasil e pelo desejo de escapar



Arquivo: Iconographia

Imigrantes japoneses trabalhando na lavoura de café no interior de São Paulo.



dos conflitos que ocorriam em sua terra natal. Após a primeira leva de ucranianos que se concentrou no Paraná, outros grupos se fixaram em terras catarinenses, gaúchas e paulistas.

Poloneses em missão agrícola

Os imigrantes poloneses concentraram-se principalmente no Sul, para onde foram a convite do governo brasileiro, que desejava ocupar essa região e criar os “cinturões verdes” em torno das cidades, garantindo assim o abastecimento agrícola. A Polônia, constantemente invadida desde o fim do século 18 pela Rússia, Áustria e Prússia, teve sua economia prejudicada com a concorrência dos cereais que vinham dos Estados Unidos e Canadá. Isso fez com que mais de 3,6 milhões de poloneses migrassem para outros países, e 100.000 deles viessem para

o Brasil, em especial ao Paraná.

Italianos do campo para o campo

Em 1870, quando aumentaram na Itália as dificuldades nas áreas rurais devido à crescente industrialização do norte do país, muitos italianos migraram para o Brasil. São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais foram os Estados que mais receberam esses imigrantes, embora Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo também possuam importantes colônias de italianos e seus descendentes.

Alemães foram os primeiros a chegar

Logo após a Independência do Brasil, em 1822, as primeiras colônias de imigrantes alemães foram fundadas no Rio Grande do Sul. A primeira delas foi a cidade de São Leopoldo, em 1824. O governo imperial

Texto 5 / Diversidade étnica e cultural



tinha como objetivo colonizar a região e desenvolver a agricultura e, por isso, incentivou a vinda desses imigrantes, que se realizou de forma contínua por mais de um século.

Espanhóis são os terceiros

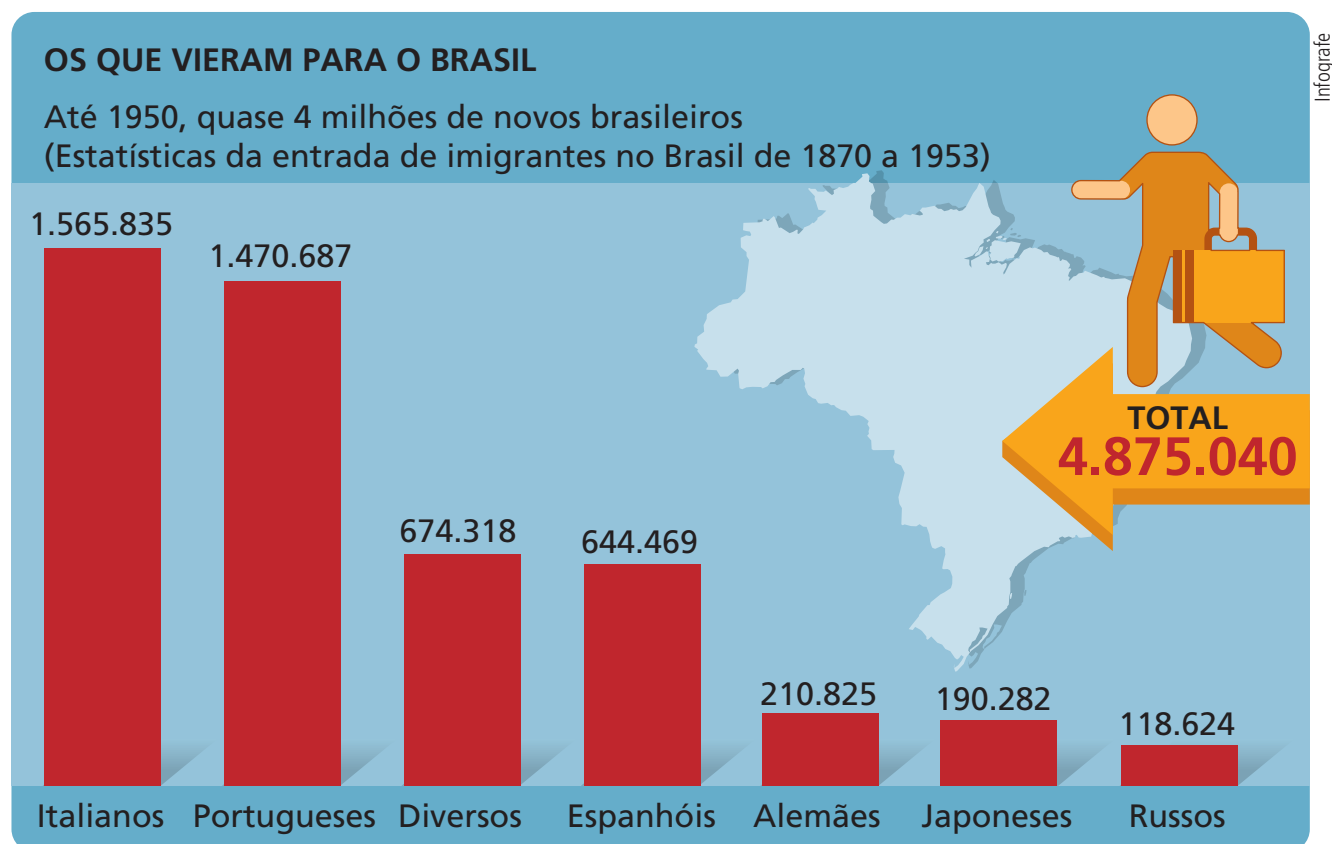
Os primeiros imigrantes espanhóis chegaram ao Brasil em 1870, mas foi nas décadas de 1880 e 1890 que esse movimento se intensificou. Fugindo das dificuldades econômicas enfrentadas no seu país, os espanhóis formaram a terceira etnia mais numerosa a migrar para o Brasil, ficando atrás apenas de italianos e portugueses. O Estado

de São Paulo foi a região que mais concentrou esses imigrantes.

Portugueses, na origem da nova raça

Desde 1500, quando Cabral chegou ao Brasil, até a década de 1950, quando se reduziu a imigração, os portugueses sempre foram a etnia que mais migrou para cá. Espalharam-se por todo o país, mas as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro se destacaram pela quantidade de lusitanos que receberam.

Dados retirados do site do Memorial do Imigrante.



TEXTO 6

Diversidade cultural

A gravata já me laçou
a gravata já me enforcou
amém

A gravata já me laçou
a gravata já me enforcou
amém

Um cidadão sem a gravata
é a pior degradação
é uma coroa de lata
é um grande palavrão
é uma dama sem pudor
estripitise moral
é falta de documento
é como sopa sem sal

Tem a gravata-borboleta
com o bico inclinado
tem a gravata caubói

Tom Zé

com o rabinho duplicado
Tem a gravata de laço
que desce do colarinho
molenga como uma tripa
que se deita na barriga

Ela é a força portátil
mais fácil de manejar
moderna, bem colorida,
para a vítima se alegrar
é um processo freudiano
para a autopunição
com o laço no pescoço
e a fé no coração

Música de Tom Zé.

A GRA VA TA

*Poucos símbolos
sociais foram tão
duradouros*

Ilustração: Alcy

JAPONESES NA AMAZÔNIA

A saga nipônica na imensidão verde, em prosa poética

João Dangelo

O que os arrasta a essa aventura insana, arrancando raízes do seu chão de origem para alçar-se em vôo temerário e fincar os pés em solo estranho e ignaro? O sonho.

O que motiva sua ambição e esperança e os faz achar que está além do além o que procuram? O sonho.

O que os faz abandonar a ilha estreita para perder-se na largueza e vastidão do verde, trocando o sal do mar pela doçura dos rios? O sonho.

O que os alimenta quando falta tudo? O que os faz resistir quando o corpo esmorece pela fadiga e pela doença? O que os impele a prosseguir, quando o solo recusa suas sementes, os interesses aviltam o preço pago pelo fruto de seu trabalho, a saudade da terra distante os invade e instala-se o enorme vazio da desesperança? O sonho.

Por que, então, decidem-se, preparam-se e vão-se? Porque sonhar é preciso!

Não fossem eles os filhos do sol nascente.

O recenseamento brasileiro de 1875 registrava um japonês na Amazônia.

Por um longo período de tempo, entre 1929 e os dias atuais, os imigrantes japoneses na Amazônia isolaram-se culturalmente.

Só a partir de 1960 a prosperidade permitiu o desenvolvimento de atividades culturais e, mais tarde, a relativa integração socio-cultural na sociedade brasileira, a presença dos filhos na universidade, o intercâmbio de valores espirituais e até a miscigenação.





Mas o que teriam em comum povos tão diferentes, nascidos nos extremos do mundo, frutos de civilizações tão radicalmente diferentes? Os japoneses, de cultura e tradição milenares, desenvolvidas dentro de um isolamento sem precedentes, forjaram uma sociedade peculiar dentro de uma concentração humana asfixiante. Tendo exaurido seus recursos naturais, era imperativo que fizessem da natureza motivo de veneração e respeito; um objeto de arte. Já os brasileiros, mistura liberal de raças de três continentes, de larga influência cultural africana e indígena, disseminaram-se em vastíssimo território, boa parte vivendo na imensidão de floresta e água, onde construíram uma cultura em estreito contato com a natureza.

É certo, nada tão diferente quanto o bonsai e a castanheira, o delicado *ikebana* e os gigantescos troncos de cedro, de mogno, de acapu. No entanto, índios e caboclos amazonenses ostentam traços orientais em suas feições: diz-se que têm a mesma origem. Festas populares dos dois povos guardam estranhas semelhanças; no período do Quarup, índios xavantes ensaiam um sumô brasileiro no centro de suas tabas; cerâmicas primitivas, nos dois países, parecem ter saído do mesmo toque, armas indígenas, artesanato e até mesmo comidas típicas assemelham-se no seu aspecto. Afinal, o que se cria, em qualquer parte, é feito por mãos humanas.

O mundo é grande e pequeno ao mesmo tempo.

Extraído do livro *O sol nascente na Amazônia*. Produzido por: Alsiás, São Paulo, 1997.

TEXTO 8

Diversidades regionais

QUANTOS MORROS

A cidade é uma colorida colcha de retalhos

Rappin Hood

Composição:
Rappin Hood e
Fundo de Quintal



Se liga aí...

Hoje eu vou sair no rolê

Curtir a vida

Resposta e no maior proceder

Sentir a brisa

Só pra curtir a noite ao lado da rapaziada

Na roda de samba, no rap, tô na jogada

Vou mandar um salve pros lugares que eu andei

as minas que conheci, e os parceiros que encontrei

O ponto de partida é a Vila Arapuã

Minha quebrada onde meu coração está

Estrada das Lágrimas ali na Ponte Preta

Na tradição da Ponte, aí Pastel, muita treta no Morro

São João Clímaco presente

Só os sangue bons, os guerreiros, gente decente

É quente, muita calma nessa hora

Na maior favela de São Paulo estamos agora

É Heliópolis, fica sossegado

vamos que o rolê está apenas começando

Foto: Divulgação



Refrão: Quantos morros já subi
 Desci sem ver
 O que falam por aí
 Me faz tremer
 Essa gente vive assim
 Sem reclamar
 Lá ninguém é tão ruim
 Lá também se sabe amar

Todo mundo é irmão
 Todo mundo é companheiro
 Lá no Morro da Formiga, do Borel e do Salgueiro
 Lá tem samba pé no chão
 Poesia verdadeira
 Lá no Morro da Serrinha, lá no Morro de Mangueira

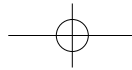
Da Vila do Sapo ligou o Fuá
 Disse que vai prestar, pro rolê vai colar
 Marquei com ele ali no Sacomã
 No barraco do Barata que é parceiro ban ban ban
 Mas antes passei ali na Vila Carioca
 Ali na Imperador, quebrada que não tem pipoca
 Dali, me mandei pro Bom Retiro
 Fui lá pros gaviões, trombei o House e o Neguinho
 Jonny, que tá sempre lado a lado
 E disse vamo lá na norte ver uns aliados
 É logo ali, perto do Jardim Peri
 Na casa do Cléber ali no Tucuruvi
 Demorou
 bora lá pra zona norte
 A lua tá da hora e a noite promete
 Mais tarde, vou pro clube da cidade
 Ali na Barra Funda é classe A, só amizade



Texto 8 / Diversidades regionais

Refrão: Quantos morros já subi
 Desci sem ver
 O que falam por aí
 Me faz tremer
 Essa gente vive assim
 Sem reclamar
 Lá ninguém é tão ruim
 Lá também se sabe amar

Essa gente vive em paz
 Essa gente faz o bem
 Seja no Pau da Bandeira
 seja na Vila Vintém
 Esse povo que a cidade
 Chama de fora da lei (fora da lei não)
 vive com dignidade
 Sem levar vida de rei
 Na porta do clube trombei o Sandrão
 Rapaziada zona oeste mó “satisfação”
 Tocou o telefone, era do Rio de Janeiro
 De Jacarepaguá, Prateado parceiro
 Na entrada da festa encontrei de saída
 Veco Repinico indo lá pra Bela Vista
 Caí pra dentro pra ver o movimento
 São quatro da manhã e o bicho tá pegando
 São vários manos e são várias minas
 Ao som de Fundo de Quintal
 Todos de mão pra cima
 Nos toca-discos, o DJ Luciano
 Só rola as da pesada quando está discotecando
 O tempo passa e é cinco da manhã
 Na saída da festinha encontrei o Alan
 Junto com o Vagas que é lá de Osasco
 Mas tive que ir embora porque sou homem casado.



TEXTO 9

Diversidade étnica e cultural

OPERÁRIOS

Tarsila do Amaral

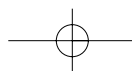
Reprodução/Acervo Iconographia



O quadro, pintado em 1933, retrata o início da industrialização brasileira, com toda a gente que veio dos quatro cantos do país, e do mundo, para pegar pesado nas fábricas.

Tarsila do Amaral (1886-1973) é considerada a primeira-dama do modernismo brasileiro e uma das responsáveis pela arte genuinamente nacional. Os temas que mais a interessavam eram os sociais, e entre toda a sua obra se destaca a tela *Operários*.

Quadro Operários, de Tarsila do Amaral, 1933. Óleo sobre tela 150 X 205 cm. Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo / Coleção Governo do Estado de São Paulo.



O GAFANHOTO

Lenda árabe desvenda, em ricas parábolas, a magia das diferenças

Georges Bourdoukan

Conta-se, mas Allah sabe mais, que há muitos e muitos anos vivia no oásis de Bukra um povo cuja bondade nem o tempo conseguia medir. Esse povo era guardião do *Kitab-ul-Kutub* (Livro dos Livros)

que deveria servir de guia para a humanidade e de forma alguma poderia cair em mãos erradas, sob o risco de despertar o *Incontrolável*. Na capa, letras circundavam a figura de um gafanhoto onde se lia:

*Ser humano é entender que a
Diversidade leva à unidade,
Que a unidade leva à solidariedade,
Que a solidariedade leva à igualdade,
Que a igualdade leva à liberdade,
Que a liberdade leva à diversidade.*

Nas páginas internas, desenhos de animais vinham acompanhados de parábolas. A do cavalo dizia:

“Vivemos num eterno círculo, onde as retas não têm fim”; a do camelo apregoava: “Impossível e nunca são palavras que não devem ser pronunciadas porque a natureza humana não suporta limites”; a da gazela ensinava: “A sabedoria é como a água, quem não tem sede não sente

prazer em beber”; a da águia alertava: “Nenhuma coisa pode ser vista se não se souber como vê-la”; a do touro lamentava: “Quem pensa somente no futuro é um insensato; afinal, o que o futuro lhe trouxe?”; a do escorpião instruía: “Fuja do hábito ou ele acabará anulando sua vida”; a da serpente proclamava: “Imortal, a humanidade jamais terá fim, pois Deus precisa do homem para existir”.

Na página central, ao lado da imagem do gafanhoto, um texto esclarecia: “O gafanhoto reúne a natureza e a forma dos sete viventes primordiais. Tem a cabeça do cavalo, o pescoço do touro, as asas da águia, os pés do camelo, a cauda da serpente, o ventre do escorpião e os chifres da gazela. Se você chegou até aqui e não entendeu a mensagem, não prossiga. Observe e aprenda que os animais são mais generosos que os homens, pois nunca se viu um leão escravo de outro leão, nem cavalo de outro cavalo”.

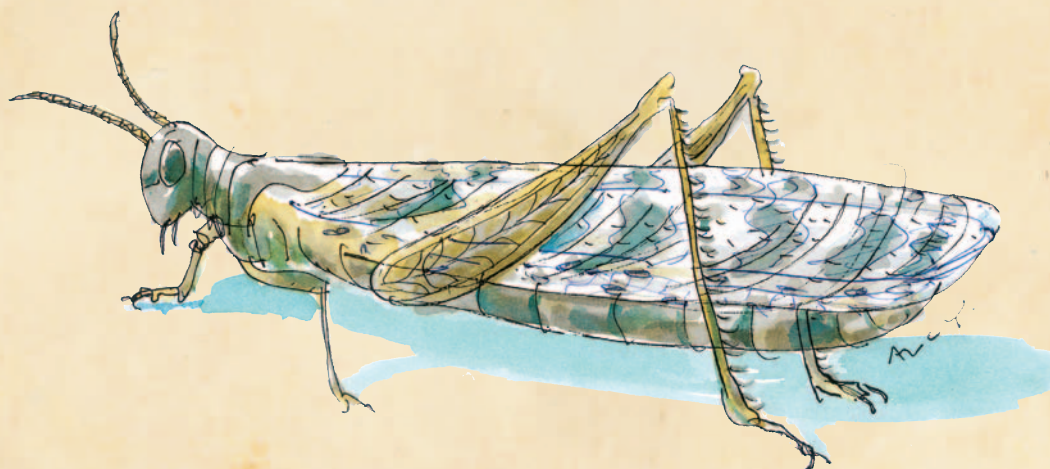
Não se sabe o que aconteceu com o povo de Bukra nem com o livro. Beduínos da tribo dos Bani-Nujum deixaram relatos de que eles teriam se ocultado para proteger o livro do *Al-Dajal*, trazido pelo vento norte. E que um dia reapareceriam para que a humanidade pudesse entender o significado do círculo.

Georges Bourdoukan é jornalista e escritor, autor de *A incrível e fascinante história do capitão mouro*, *O peregrino*, *Vozes do deserto* e *O apocalipse*.

Extraído da revista *Caros Amigos*, nº 85, ano 2004.



Ilustrações: Aloy



TEXTO 11

Diversidade religiosa

THE AMISH

*A religious cult in the
21st century that only
permits the use of horses
and carriages.*



The Amish are conservative Christian Protestants, a division of the Mennonite religion.

The Amish movement was founded in Europe by Jacob Amman (~1644 to ~1720).

The beliefs and practices of the Amish are based on the writings of the founder of the Mennonite religion, Menno Simons (1496-1561).

The group preserves the elements of the 17th century European rural culture. They are isolated from the American culture and maintain distance from modern society. The Amish live in 22 states of the USA and in Ontario, Canada. The Amish group in total has approximately 180,000 people. They speak German and English.

The beliefs:

Amish people are not permitted to maintain contact with the modern world, physically or socially.

Amish people reject involvement with the military. They are not permitted to have revolvers or to defend their properties.

The families are patriarchal. Women are submissive to their father and husband.

The school is one big room. The teacher is Amish. They are encouraged to study only the Elementary School (1st to 8th grade).

The Amish dress with simplicity and modesty. Women have long skirts and men have dark suits. Men have beard.

Amish people are not permitted to install electricity in their houses. Electrical and electronic devices (example: TV, com-

puter, sound system, etc.) are not permitted.

They are not permitted to drive automobiles too. They have to use horses and carriages.

As informações básicas foram extraídas do site www.religioustolerance.org/amish.htm

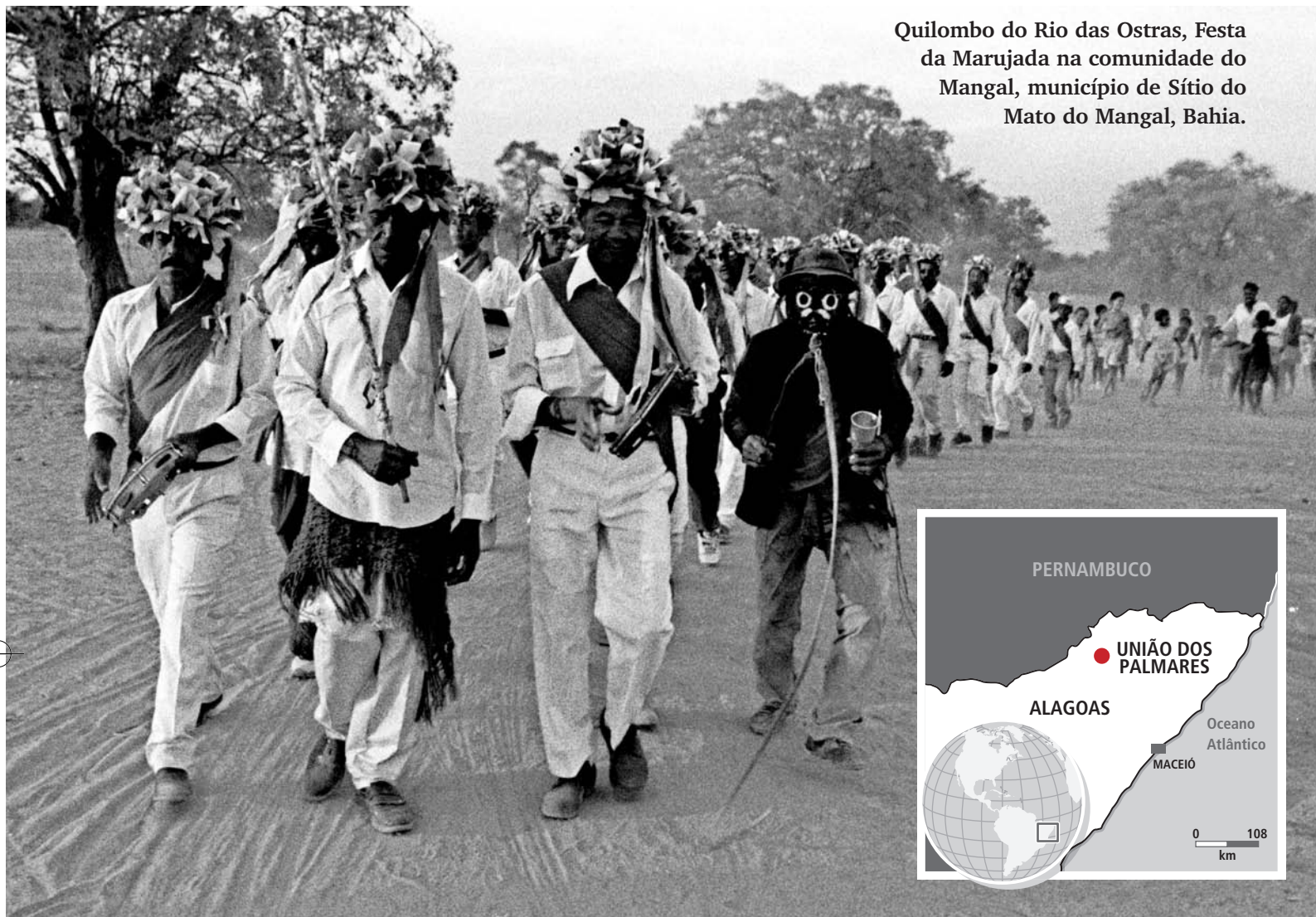
Texto adaptado pela professora Giuliete Siqueira.



GLOSSARY

Barba.	beard
Crenças.	beliefs
Carroça.	carriage
Século.	century
Aparelho/máquina.	device
Fundado.	founded
Cavalo.	horse
Marido.	husband
Somente.	only
Escola.	school
Saias.	skirts
Terno.	suit
Professora.	teacher
Vestir-se.	to dress
Viver.	to live
Escrituras/escritos.	writings

Fotos: Ricardo Teles / AE



Quilombo do Rio das Ostras, Festa da Marujada na comunidade do Mangal, município de Sítio do Mato do Mangal, Bahia.



OS QUILOMBOS

Descendentes de quilombolas não sabem, na maioria das vezes, que a Constituição lhes garante a posse das terras em que vivem

Trezentos anos depois da morte de Zumbi, líder do movimento negro do quilombo dos Palmares, em Pernambuco, as atenções se voltam para a situação dos núcleos rurais espalhados pelo país, onde vivem populações remanescentes de quilombos. Existem grupos no interior da Amazônia e pelos Estados do Maranhão, Sergipe, Bahia, Goiás, Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais.

Os descendentes dos escravos já não falam as línguas de seus antepassados e muitos perderam suas referências históricas. Não sabem que a Constituição de 1988 garantiu aos que continuam vivendo em áreas antigas a posse das terras.

É nesse sentido que integrantes da Fundação Palmares se movimentam, ajudando muitas dessas comunidades, hoje, ameaçadas por fazendeiros ou grupos interessados em suas terras.

Trata-se de um trabalho difícil, já que a situação dos descendentes de quilombolas é bem parecida com a de milhares de trabalhadores sem terra. No entanto, cumprindo a Constituição, pode-se saldar parte do débito da sociedade para com a população negra, escravizada no passado e, hoje, em sua maioria, vivendo em condições de discriminação e marginalização.

Quilombo dos Palmares

Palmares é o símbolo da luta do movimento negro. Esse núcleo de resistência foi formado em 1604 por quarenta negros foragidos e reunia diversos quilombos. Durante quase cem anos, Palmares sofreu constantes ataques de holandeses e portugueses. A história conta que Ganga Zumba foi o penúltimo rei do maior quilombo de que se tem conheci-

mento no país. Ele acabou sendo morto pelo sobrinho Zumbi, que não aceitou o acordo feito pelo tio com os portugueses, ao prometer que os quilombolas (habitantes do quilombo) não mais seqüestriam negros ainda escravizados pelos fazendeiros. Zumbi liderou uma resistência heróica

que acabou com a destruição do quilombo, e a data da sua morte, em 20 de novembro de 1695, foi escolhida para marcar o Dia Nacional da Consciência Negra.

Histórias para contar

Entre os descendentes de escravos mais jovens, poucos sabem contar as histórias dos antepassados. "Sei pouca coisa do passado, mas o velho Josias, de 102 anos, conta sempre como foi a fuga do cativeiro dos negros", revela João Rodrigues Couto, que participa das reuniões que debatem temas de interesse desses grupos. João conta que, nas festas, a comunidade ainda se diverte

***No Estado do Rio
existem dois núcleos
rurais de antigos
escravos, em Valença
e em Parati.***

Texto 12 / A luta dos negros

com a dança do coco, passada de geração para geração.

Calunga e Cafundó

Enquanto a maioria das comunidades mantém contato com a sociedade nacional, os calungas de Goiás vivem uma situação especial. Até pouco tempo, só se chegava aos núcleos onde vivem depois de uma demorada viagem em lombo de burro por caminhos difíceis. Muitos dos calungas mais velhos nunca saíram do antigo quilombo para conhecer a cidade. Mas a população mais jovem já começa a se interessar pelo mundo em volta e alguns até participam dos encontros com outros grupos, promovidos pela Fundação Palmares.

Um dos grupos que se destacam pelo aspecto cultural é o do Cafundó, localizado em Salto de Pirapora, SP. Dezesete famílias vivem a 130 quilômetros da capital, numa zona rural. Cafundó era um quilombo ou uma fazenda herdada pelos escravos. Seus descendentes ainda usam palavras do vocabulário de seus antepassados. Chapéu, por exemplo, é *chicongo*; nariz, *muchinga*; homem, *tata*, *ture* e *tera*; e milho é *pungo*.

A população de Cafundó vive confinada numa área de 18 hectares, quando antigamente se estendia por 90 hectares, que,

aos poucos, foram sendo tomados por grileiros. Nessa briga, alguns negros morreram e agora o grupo sonha em reconquistar o antigo espaço.

No Rio de Janeiro existem dois núcleos rurais de antigos escravos: um deles na fazenda Santa Isabel, em Valença. Ali vivem sessenta famílias. O outro é o antigo quilombo de Campinho, que fica perto de Parati. Os habitantes

trabalham em roças e vivem em casas de pau-a-pique. No vale do Ribeira, em São Paulo, são cerca de quinze comunidades identificadas como sendo de descendentes de escravos.

No quilombo de Campinho são freqüentes as rodas de samba, mesmo com a invasão crescente da tele-

visão, que fascina especialmente os mais jovens. As mulheres trabalham na casa de farinha e os homens adoram uma partida de futebol.

No entanto, mais importante do que as informações do mundo moderno tem sido o crescimento da conscientização, da importância e da valorização da identidade entre a população de origem africana.

***A Fundação Palmares
defende comunidades
quilombolas
ameaçadas de
perder suas terras.***

Informações extraídas dos sites do Ministério das Relações Exteriores (www.mre.gov.br) e da Fundação Cultural Palmares (www.palmares.gov.br). Para informações adicionais: Fundação Cultural Palmares SBN - Ed. Central Brasília - 1º subsolo Brasília-DF - CEP: 70040-904 Tel.: (61) 226 7613 - site: www.minc.gov.br/fcp/new/palmares.htm

TEXTO 13

Ambiente de trabalho

DIVERSITY

Randy Glasbergen



"We need to focus on diversity. Your goal is to hire people who all look different, but think just like me."



"Our office has been nominated to receive an award for Diversity In the Workplace!"

O OUTRO BRASIL QUE VEM AÍ

Gilberto Freyre

Eu ouço as vozes
eu vejo as cores
eu sinto os passos
de outro Brasil que vem aí
mais tropical
mais fraternal
mais brasileiro.

O mapa desse Brasil em vez das cores dos Estados
terá as cores das produções e dos trabalhos.

Os homens desse Brasil em vez das cores das três raças
terão as cores das profissões e regiões.

As mulheres do Brasil em vez das cores boreais
terão as cores variamente tropicais.

Todo brasileiro poderá dizer: é assim que eu quero o Brasil,

todo brasileiro e não apenas o bacharel ou o doutor
o preto, o pardo, o roxo e não apenas o branco e o semibranco.
Qualquer brasileiro poderá governar esse Brasil
lenhador
lavrador
pescador
vaqueiro
marinheiro
funileiro
carpinteiro
contanto que seja digno do governo do Brasil
que tenha olhos para ver pelo Brasil,
ouvidos para ouvir pelo Brasil
coragem de morrer pelo Brasil
ânimo de viver pelo Brasil
mãos para agir pelo Brasil
mãos de escultor que saibam lidar com o barro forte e novo dos Brasis
mãos de engenheiro que lidem com ingresias e tratores europeus
e norte-americanos a serviço do Brasil
mãos sem anéis (que os anéis não deixam o homem criar nem trabalhar).
mãos livres
mãos criadoras
mãos fraternais de todas as cores
mãos desiguais que trabalham por um Brasil sem Azeredos,
sem Irineus
sem Maurícios de Lacerda.
Sem mãos de jogadores
nem de especuladores nem de mistificadores.
Mãos todas de trabalhadores,
pretas, brancas, pardas, roxas, morenas,



Acervo: Iconographia

Texto 14 / Diversidade étnica e cultural

de artistas
de escritores
de operários
de lavradores
de pastores
de mães criando filhos
de pais ensinando meninos
de padres benzendo afilhados
de mestres guiando aprendizes
de irmãos ajudando irmãos mais moços
de lavadeiras lavando
de pedreiros edificando
de doutores curando
de cozinheiras cozinhando
de vaqueiros tirando leite de vacas chamadas comadres dos homens.
Mãos brasileiras
brancas, morenas, pretas, pardas, roxas
tropicais
sindicais
fraternais.
Eu ouço as vozes
eu vejo as cores
eu sinto os passos
desse Brasil que vem aí.

Poema escrito em 1926 e publicado no livro Poesia Reunida. Recife: Editora Pirata, 1980, que nos foi enviado pelo escritor Antônio Prata, a quem agradecemos.

Extraído do site www.releituras.com/gilbertofreyre_outrobrasil.asp

QUANTO MAIS MISTURADO MELHOR



*Campanha publicitária
gaúcha recomenda
a diversificação no
ambiente profissional*

"Diversidade no ambiente de trabalho dá lucro", dizia a campanha publicitária da Procuradoria Regional do Trabalho, veiculada no Rio Grande do Sul em 2004.

"Empresas que priorizam políticas de incentivo à diversidade no ambiente de trabalho aumentam sua capacidade de reconhecer e atrair talentos, têm menor rotatividade de funcionários e aumento da satisfação de seus colaboradores", diz o texto de um dos anúncios.

Outro texto lembra que condição socioeconômica, idade, ascendência, nacionalidade, estado civil, orientação

sexual e condições de saúde não podem ser motivos de discriminação.

A campanha lembrava de casos famosos de pessoas que foram discriminadas, mas que provaram ter capacidade bem acima da média. Num deles, pergunta: "Você contrataria para trabalhar como gráfico no seu jornal um jovem negro de 16 anos, órfão, gago, epilético, com saúde frágil e baixa escolaridade?". E arremata com a resposta: "Que pena. Você acabou de dispensar o Machado de Assis".

Extraído do site agenda.saci.org.br

Foto: Robson Fernandes / AE



Camelôs da rua 25 de Março, no Centro de São Paulo, SP: a atividade, sempre no terreno impreciso entre a legalidade e a clandestinidade, é exercida pelos comerciantes estabelecidos.

NA CIDADE AS PESSOAS NÃO SE RESPEITAM

*Relato de um índio
indignado com a
“selva de pedra”*

Ayumã Kamaiurá

A cidade não é evoluída como a nossa aldeia, na cidade as pessoas não se conhecem, não se respeitam como nós nos respeitamos.

A cidade é cheia de preconceituosos, ninguém se respeita, as pessoas não se ajudam, mesmo que sejam da mesma família. Esse não é o nosso caso aqui na aldeia. Na nossa aldeia, quando uma pessoa está sem roça, o parente ajuda dando comida para ele. Na cidade não é assim, dificilmente uma pessoa rica ajuda uma pessoa que está passando fome. Por isso que as pessoas que ficam sem comida começam a roubar, a matar as pessoas que têm dinheiro. Não são só as pessoas pobres que roubam e matam, muitos ricos prejudicam e roubam os pobres.

É assim que as pessoas vivem na cidade, ninguém tem dó de ninguém.

Extraído do livro Histórias de hoje e de antigamente.
Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu — Instituto
Socioambiental/MEC — 1998.

DESFILÉ DE



Todas las ramas de la cocina mundial se han instalado al sur del Río de la Plata

SABORES

La cocina Argentina es el resultado de una sabrosa síntesis, producto del aporte de los platos europeos pertenecientes a las distintas corrientes migratorias, sazonados y combinados con alimentos propios del suelo nativo.

Forman parte de la gastronomía criolla el asado con cuero, el locro, la carbonada, la humita, el mote, el tamal, la chanfaina, las empanadas, el chipá, la mazamorra, el dulce de leche, el arrope, la yema quemada, el quesillo de cabra con miel de caña y una deliciosa variedad de dulces regionales. La infusión característica es el mate — compartido con sus vecinos latinoamericanos del Sur — preferentemente “verde” o “cimarrón” (amargo), con sus variantes: dulce, cocido, de leche y “tereré”. Las bebidas tradicionales, en tanto, son el vino patero, la aloja y la chicha (estas últimas en las provincias del Noroeste).

Texto 17 / Diversidade cultural

¿CÓMO HAGO PARA COCINAR CARNES ARGENTINAS SEGÚN LAS COSTUMBRES CRIOLLAS?

ASADO A LA CACEROLA

No siempre da gana de encender el horno. Esta es una forma de estofar el asado con éxito asegurado.



Ingredientes

1 kilo y medio de asado de novillo en trozos
4 papas medianas
1 cebolla grande
1 pimiento morrón
1 tomate
perejil
pimentón
ají molido
sal
100 cc. de aceite de oliva
100 cc. de vino blanco seco
100 gramos de harina



Preparación

En una cacerola con fondo ancho, poner el aceite de oliva y dorar la superficie de los pedazos de asado enharinados, agregar la cebolla en juliana y el tomate en cubitos. Rehogar unos veinte minutos, entonces continuar con las papas peladas, limpias y cortadas grandes, el pimiento en tiras grandes, una cucharada de perejil picado, una cucharada de pimentón, 1 cucharadita de ají y sal necesaria. Terminar con el vino blanco seco. Cocinar hasta que las papas estén hechas, así deberá estar también la carne. Servir con el jugo de cocción.

BIFES A LA CRIOLLA

En este caso cada uno tiene "su fórmula". Así que describiré "mi" receta.



Ingredientes

1 adobo hecho con una cucharada de perejil
1 diente de ajo
100 cc. de aceite de oliva y 1/2 cucharadita de sal
2 cebollas medianas cortadas en aros
1 kilo de carne magra cortada en bifecitos chicos (cuadril, paleta, nalga),
3/4 kilos de papas peladas y limpias cortadas en rodajas gruesas
2 pimientos morrones cortados en tiras
2 tomates maduros cortados en rodajas
2 hojas de laurel
perejil picado
sal pimienta
80 cc. de aceite de oliva
100 cc. de agua caliente



Preparación

Se empieza con macerar los bifecitos en el adobo preparado con perejil, ajo y aceite y sal por al menos media hora. Consiga una cazuela de barro o una cacerola de hierro negro pesado con pertinente tapa y ponga los 80 cc. de aceite de oliva a calentar y añada las 2 cebollas cortadas en aros. Sobre estas se colocan los bifecitos adobados, cubriendo seguidamente con las rodajas de papas, los pimientos en tiras, el tomate en rodajas finas, una cucharada de perejil picado y las dos hojas de laurel, salpimiente a gusto. Si el fondo de

la cacerola no permite acomodar todos los ingredientes, hacer una o más capas. Llevar a un hervor suave y agregar los 100 cc. de agua caliente. Cocinar con tapa hasta que los bifecitos estén tiernos junto con toda la hortaliza a punto.

Estos bifes pueden cocinarse "al disco", es decir en el interior de un disco de arado descartado, al cual se le han puesto tres o cuatro patas, un agujero en el fondo con cierre y una tapa también de hierro. El fuego puede ser de leña, carbón o gas. ¡Toda una función culinaria!

CARBONADA CRIOLLA

Este tipo de guiso es la expresión más común de la cocina familiar. Se cocina todavía en viejas ollas de barro o en ennegrecidas cacerolas de hierro fundido para que la cocción pueda concretarse sea usando el calor de una cocina económica o su horno. El pequeño ciudadano puede usar sus modernos mecheros a gas y sus sofisticados hornos.



Ingredientes

1 kilo de carne magra como aguja sin hueso, paleta (para el ciudadano evidentemente cuadril de ternera o lomo)
80 cc. de aceite
1 cebolla grande
1 tomate grande maduro
2 batatas
2 papas grandes
1/2 kilo de zapallo amarillo
3 choclos frescos
150 gramos de orejones de duraznos remojados
1 cucharada escasa de pimentón
2 hojas de laurel
1 cucharadita de azúcar
250 cc. de agua caliente
sal
pimienta



Preparación

En una cacerola de barro o hierro fundido o en modernas ollas de teflón, poner los 80 cc. de aceite y dorar la carne cortada en cubos chicos, agregar la cebolla cortada, el tomate cubeteado, el pimentón, las hojas de laurel, la cucharadita de azúcar y el cuarto de litro de agua caliente. Cocinar a fuego lento y con tapa por unos cuarenta minutos, entonces añadir las dos batatas, las dos papas y el zapallo todo cortado en cubitos, los tres choclos cortados en rodajas finas y los orejones de duraznos cortados en cuartos, sal, pimienta. Continuar la cocción hasta que los vegetales estén a punto. El resultado debe ser un guiso algo caldoso. Se acompaña con arroz blanco hervido.

A esta receta se le puede agregar más fruta seca remojada y también fresca como duraznos y peras, pasas de uva.

BIFES DE CHORIZO

Son bifes de buen tamaño sin costilla, de unos 600 gramos y 3 o 4 cm de espesor, de animales grandes y jóvenes. De sabor incomparable, jugosos, vistosos y caros...



Ingredientes

4 bifes de chorizo
sal



Preparación

Se los ponen a la parrilla alimentada con brasa blanquecina y calor sostenido a una distancia de 15/20 centímetros para que los hierros los marquen. Generalmente necesitan unos 12 minutos de cocción de cada lado para que resulten cocidos y jugosos. Se acompañan con una ensalada, un puré o papas fritas.

Extraído do site www.argentina.gov.ar

Foto: Juca Varella / AE



Arlindo Antonio da Silva, o "Seu" Arlindo, com 84 anos é pintor de paredes há mais de 60 anos e trabalha até hoje, subindo e descendo escadas, pintando do rodapé ao teto. Aqui, trabalha na pintura interna de um hospital de idosos, a Unidade Gerontológica Paulista, na cidade de São Paulo. Todos os dias vai e volta dirigindo seu próprio carro.

ESTATUTO DO IDOSO

A lei estabelece e reforça direitos do cidadão com mais de 60 anos

Marcos Blaslof

Em 1º de outubro de 2003 entrou em vigor o Estatuto do Idoso, um grande avanço dos direitos humanos, pois determina especial proteção aos idosos. Vamos analisar alguns itens do Estatuto do Idoso, procurando colocar-nos em seu lugar e refletir sobre o problema.

Da idade mínima do idoso

A lei classifica como idoso todo aquele que tem, no mínimo, 60 anos.

Dos sujeitos da lei

O estatuto também determina que novas pessoas são obrigadas a respeitar e assistir. Cuidar do idoso não é mais obrigação apenas dos familiares, mas da comunidade onde ele vive, da sociedade em geral (incluindo pessoas físicas e jurídicas) e do poder público, representado pelos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Liberdade, respeito e dignidade

Apesar de redundante, já que a Constituição Federal garante tais direitos, a lei reafirma os mesmos direitos, com mais veemência, atribuindo ao Estado e à sociedade a obrigação de assegurar ao idoso direitos civis, políticos, individuais e sociais.

Destacam-se a proibição ao tratamento desumano, violento, aterrozante, vexatório ou constrangedor, o que abrange a preservação da imagem, identidade, autonomia, valores, idéias e crenças, espaços e objetos pessoais.

Alimentos

O estatuto obriga o Estado a prover o sustento do idoso, caso os familiares não tenham condições de ajudá-lo.

Direito à saúde

Não é novidade que o atendimento ao idoso, a exemplo daquele que não pode pagar uma consulta médica ou comprar medicamentos, deve ser prestado pelo Estado por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) ou por entidades filantrópicas de saúde.

Importante ressaltar o fato de que várias faculdades de medicina do país nem sequer ministrarem aulas de geriatria e gerontologia. Cabe ao Estado exigir que as escolas formem profissionais qualificados na área.

As novidades são o atendimento domiciliar àqueles impossibilitados de se locomover; a acomodação de acompanhantes nos hospitais e a proibição da discriminação na cobrança dos planos de saúde.

Educação, cultura, esporte e lazer

Outra função do Estado é criar oportunidades de acesso do idoso à educação, tanto por meio da rede pública de ensino quanto das instituições sociais.

O estatuto ainda proporciona desconto de pelo menos 50% nas atividades culturais, esportivas e de lazer.

Texto 18 / Diversas idades*Profissionalização e trabalho*

São proibidas a discriminação e a fixação de limite máximo de idade para concursos, exceto nos casos em que a natureza do cargo exigir. Outra vantagem é que o critério de desempate será a idade, privilegiando os mais velhos.

Previdência social

O reajuste dos valores dos benefícios concedidos ocorrerá na mesma data de reajuste do salário mínimo.

Assistência social

É assegurado ao idoso acima de 65 anos que não tenha como prover a própria subsistência, nem tê-la provida pela família, o benefício mensal no valor de um salário mínimo nos termos da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS).

Habitação

O idoso tem direito a moradia digna, seja no seio familiar ou em instituições públicas e privadas, que são obrigadas a manter rígido padrão de higiene e de alimentação regular. A assistência integral por entidades será prestada se não houver grupo familiar que o ampare.

Transporte

Aos maiores de 65 anos fica garantida a gratuidade dos transportes coletivos públicos urbanos e semi-urbanos, exceto nos serviços seletivos e especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares. No caso de transporte coletivo interestadual, ficarão reservadas duas vagas por veículo para idosos com renda igual ou inferior a dois salários mínimos. Excedendo esse número de vagas, os demais terão desconto de 50% na passagem.

Essa é uma inovação sem precedentes em nossa legislação, pois promove independência de locomoção para quem ganha pouco.

Medidas de proteção

As medidas de proteção ao idoso são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nessa lei forem ameaçados ou violados. O objetivo é fortalecer os vínculos familiares e comunitários.

Entidades de atendimento ao idoso

O estatuto assegura assistência judiciária gratuita às instituições filantrópicas ou sem fins lucrativos prestadoras de serviço ao idoso.

Acesso à Justiça

O poder público deve criar varas especializadas de atendimento ao idoso. Há ainda a prioridade na tramitação de processos em que idosos figurem como parte ou interveniente. A prioridade não cessará com a morte do beneficiado, estendendo-se em favor do companheiro ou da companheira com mais de 60 anos.

Proteção judicial dos interesses difusos, coletivos e individuais indisponíveis e homogêneos

Serão aplicadas multas severas quando houver condenação por ofensa aos direitos do estatuto. Os valores arrecadados serão revertidos ao Fundo do Idoso e ficarão vinculados à aplicação de melhorias nesse setor.

Crimes

O estatuto também inovou em uma seara pouco explorada ao criar tipos legais na penalidade por condutas contrárias a seus preceitos. Estabeleceu punições exemplares para coibir atitudes nocivas aos idosos, como a omissão de socorro, a submissão do idoso à condição desumana ou degradante, discriminação e abandono.

Agora é preciso que haja uma reeducação social em relação aos idosos. A sociedade deve conscientizar-se da importância de tratá-los com respeito. Não é esmola, mas um direito.

Marcos Blasloff é advogado e assessor jurídico de inúmeras entidades filantrópicas. Mestre pela PUC/SP, administrador de empresas pela Universidade Mackenzie e pós-graduado pela European University.

TEXTO 19

Diversidade étnica e cultural

MÉRICA

*“Na América, onde chegamos,
Não encontramos nem palha nem feno
Dormíamos no chão, ao sereno, como animais
E com o engenho de nossos italianos
E com o esforço de nossos patrícios
Em poucos anos
Construímos países e cidades.”*

O hino dos imigrantes vênets tem música e letra de imigrante italiano anônimo

Arquivo: Iconografia



Imigrantes italianos na Hospedaria dos Imigrantes. São Paulo, 1900.

Esta canção dos imigrantes italianos ecoava nas fazendas, nas fábricas e nas festas dos bairros operários. Mas não eram somente os italianos que estavam imprimindo a marca de sua língua e de seus costumes na vida brasileira. De 1911 a 1920, 800.000 imigrantes entraram no Brasil. Eles se somaram aos quase 3 milhões de trabalhadores estrangeiros que já viviam no país. Ao todo, formavam mais de 10% da população brasileira, que em 1910 era de 24 milhões de habitantes.

Com suas bandas musicais, cantinas e festas religiosas, os italianos de São Paulo encheram a cidade de música e alegria. Também atuaram nos esportes como quando, em 1914, fundaram o clube de futebol da

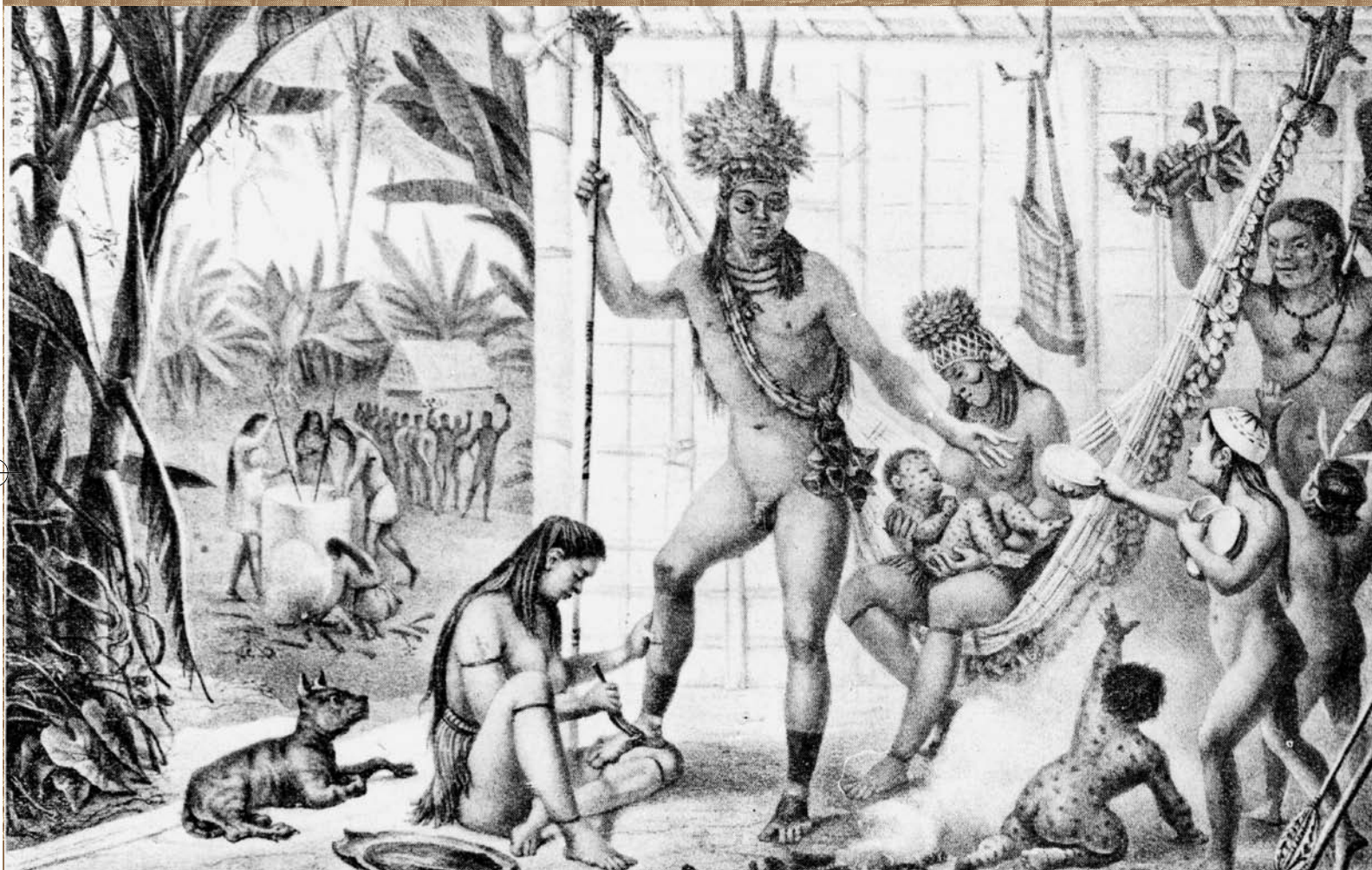
colônia – o Palestra Itália, atual Palmeiras.

Pela ruas de São Paulo, a presença dos imigrantes se notava — nem todos eram operários. Havia os mascates “turcos” carregando cestas, batendo matracas: “Moça, tenio muita coisa b’ra vuzê, tudo baratinio”. A carrocinha de queijo do italiano, que passava aos gritos de: “O *formaggio*! Olha o *formaggio*!”. Mas o que fazia mesmo a alegria das crianças das vilas operárias era o italiano do sorvete: “Survetinho, survetón, survetinho de limón quem não tem o dez tostão, não toma survete”.

Extraído da Coleção Nosso Século, volume 3. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

A TERRA DO HOMEM

O índio só concebe o território como recurso de uso comum



Família de chefe Camacã, em desenho de Debret.

Acervo: Iconografia

Para os índios, a terra é um bem coletivo, destinado a prover as necessidades da sociedade. Todos têm o direito de utilizar os recursos do meio ambiente por meio da caça, da pesca, da coleta e da agricultura. Assim, a propriedade privada

não tem lugar na concepção indígena de terra e território. Embora o produto do trabalho possa ser individual, é assegurado a todos usufruto dos recursos. As obrigações existentes entre os indivíduos asseguram a todos o usufruto dos resultados.

Direito à terra

A Constituição brasileira de 1988, no seu artigo 231, reconhece o direito dos índios sobre as terras que tradicionalmente ocupam — aquelas por eles habitadas em caráter permanente, as que utilizam para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar, e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

O que sobra é dividido

Para os mundurucus, os produtos da roça, da caça e da pesca são considerados propriedade da pessoa que tem as roças e que matou os animais. Contudo, pelo sistema de distribuição adotado, toda a comida que entre na casa é partilhada pela família extensa e, havendo excedentes, as demais casas da aldeia também receberão a sua parte.

Para os caingangues, a unidade territorial constitui-se de um espaço composto por serras, campos, florestas e rios, onde eles possam exercer a caça, a pesca, a coleta e o plantio de grãos, frutos e legumes. Esse território é um espaço de nomadismo cíclico dos grupos que desenvolvem atividades de

subsistência material e social. Cada grupo local possui um subterritório próprio, com direito à exploração, segundo regras determinadas culturalmente. As visitas entre parentes dos diferentes grupos locais eram muito freqüentes e a recepção era feita segundo um verdadeiro ritual. Uma tribo se distribuía em vários grupos locais, formando subterritórios que eram socialmente interligados, e cada grupo possuía sua área de deslocamento e exploração.



Família Tupinambá,
em gravura de T. De Bry,
século XVI.

Acervo Iconographia

A vez dos espíritos

O território é fonte permanente de socialização para os índios, eles trocam notícias sobre caçadas, abundância ou escassez de determinado produto; sobre os aspectos sobrenaturais da floresta, dos rios ou das montanhas; sobre o encontro com espíritos na mata etc. O território não é, afinal, apenas fonte da subsistência material, mas também lugar onde os índios constroem sua realidade social e simbólica.

Bibliografia: Ramos, Alcida Rita. *Sociedades indígenas*. São Paulo: Ática, 1986. Melatti, Júlio C. *Índios do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1980; e Constituição Federal.

Extraído do site www.museudoindio.org.br



IRMÃOS DA FLORESTA

*Os indígenas
amazônicos dão
lições de boa
convivência com
o ambiente*

Os índios passaram por tempos de matança, escravidão, catequização forçada ou mera indiferença das autoridades. Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, estima-se que havia por aqui cerca de 6 milhões de índios. Nos anos 50, segundo os antropólogos, a população indígena brasileira estava entre 68.000 e 100.000 habitantes. Atualmente, há cerca de 280.000 índios no Brasil. Contando os que vivem em centros urbanos, ultrapassam os 300.000.

Da esquerda para a direita, dupla de etnia Macachalis, Coroados, Coropós e Camacãs.



A maior parte das terras indígenas (98%) está na Amazônia Legal, onde moram 170.000 índios. O maior desafio da atualidade é manter viva a riqueza cultural. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, havia em torno de 1.300 línguas indígenas, e hoje existem cerca de 170. O pior é que cerca de 35% dos 210 povos com culturas diferentes têm menos de duzentos indivíduos.

O encontro dos índios com garimpeiros é sempre crítico, há invasão de terras, proliferação de doenças, estímulo à violência e ao alcoolismo e desequilíbrio da estabilidade dos povos.

Na realidade, os índios ainda vivem como antigamente, em comunidade. Partilham o que ganham e produzem coletivamente, ajudando tribos vizinhas na caça e na pesca. Entre eles não existe propriedade privada, porque acreditam existir outras coisas com que se preocupar.

Os índios descobriram como conviver com o branco: ora unindo-se a ele, ora mantendo-se isolados e preservando sua forma de vida. Seguem abaixo alguns exemplos de aspectos culturais dos principais povos indígenas já localizados da Amazônia:

Arara

As mulheres dessa tribo usam como roupa apenas uma espécie de cinto chamado uluri, feito de entrecasca de árvore. A presença dele significa que a mulher não está disponível sexualmente, a aproximação só acontece quando ela o retira. Se, por acaso, esse cinto se rompe, a mulher se sente nua e desprotegida. No ritual de passagem que marca a transição entre a infância e a vida adulta, os meninos ficam reclusos na casa dos homens e têm que passar por sofrimentos físicos e dar provas de força. Embora não haja um espaço físico determinado, as meninas também têm que cumprir alguns rituais de passagem.

Texto 21 / Diversidade étnica e cultural



Índios [Reprodução — Museu Emílio Goeldi]

Bororó

De todos os rituais dos índios bororós, o funeral é o que mais chama atenção pela beleza e complexidade. É uma cerimônia que pode durar até dois meses. A tribo obedece a uma organização social rígida, mas a morte de alguém pode provocar mudan-

ças ou reforçar as alianças. A aldeia é dividida em duas partes — exare e tugaregue — que, por sua vez, se subdividem em clãs com prerrogativas e deveres muito bem definidos. Os bororós reconhecem a liderança de dois chefes hereditários que sempre pertencem à metade exare, conforme determinam seus mitos.

Gavião

Os índios gaviões têm uma relação forte com os nomes pelos quais são chamados. Cada indivíduo recebe dois nomes e um deles não pode ser divulgado. Dar ao outro a chance de conhecer esse segredo significa transferir poder. Quando alguém recebe o nome de um parente que já morreu, carrega a responsabilidade de manter as características do antepassado, e quem o escolhe assume o papel de padrinho com a função de transmitir a cultura.

As relações entre genro e sogra, nora e sogro também têm regras. Depois do casamento, por um período determinado, ficam proibidos de chamar o outro pelos nomes.

Uma das mais fortes tradições desses índios é a corrida de toras. As equipes de revezamento, formadas somente por homens, carregam troncos de buriti nos ombros. O mais importante não é quem chega primeiro, porque a corrida vale mais pelo divertimento. A comemoração é maior quando as equipes chegam praticamente juntas.

Guajá

Os guajás são uma das últimas sociedades de caçadores e coletores do mundo. Foram contatados recentemente, há apenas 25 anos, e entre eles existe um grupo com apenas seis anos de contato.

As mulheres dessa tribo, em alguns casos, têm um papel decisivo, fato pouco comum nas sociedades indígenas. A opinião das idosas é levada em conta e elas podem tanto resolver conflitos domésticos como dividir as tarefas de roçar, caçar e coletar. Elas também cuidam dos animais de estimação, muito numerosos na tribo, e que, às vezes, são até amamentados pelas mulheres mais jovens.

Pode acontecer que um homem se case ao mesmo tempo com duas mulheres, uma sexagenária e outra bem jovem, mas a primeira, além de receber todo o carinho e respeito do marido, tem poder para tomar as decisões principais da casa.

Catuquina

Mesmo pertencendo à mesma tribo, os catuquinas se dividem em "povo da onça", "povo da ariranha", "povo do sol", "povo do céu" e "povo da pupunha", e entre esses clãs existe uma relação de hierarquia social. Embora monogâmicas, as relações conjugais são muito instáveis. A troca de cônjuges é bastante comum, mas os filhos sempre ficam com a mãe.

Os catuquinas já foram descritos por muitos viajantes como índios barbados por causa do costume de pintar a boca de preto.

Culina

Quando se casa, o homem vive na casa da família da esposa e tem que trabalhar para retribuir pela mulher que recebeu. Cada casal culina tem a obrigação de gerar pelo menos três filhos, apenas depois disso ganha o direito de construir uma casa separada e só continua junto se desejar.

Os culinas acreditam que a concepção acontece apenas com o acúmulo do sêmen no útero, sem qualquer contribuição feminina. Para engravidar, a mulher tanto pode se relacionar apenas com o marido ou ter vários parceiros. Em qualquer dos casos, ela é a única responsável pelos cuidados com a criança.

Marubo

Uma das práticas sociais dessa tribo é a poligamia. O homem pode se casar com várias mulheres, e cada uma delas ocupa um espaço bem definido na maloca.

A cremação fazia parte dos antigos costumes desses índios. Eles comiam as cinzas com mingau para que o morto pudesse continuar entre eles. Por influência dos missionários, hoje, os mortos são sepultados em cemitérios. A única exceção ocorre com as

Texto 21 / Diversidade étnica e cultural

crianças de colo, que são enterradas geralmente entre as árvores.

Paracanã

Entre esses índios, a amizade formal, que pressupõe deveres, troca de presentes e outras obrigações sociais, se dá apenas entre os indivíduos do mesmo sexo.

Antes dos 10 ou 12 anos, é o adulto que escolhe o companheiro da criança. Depois dessa idade, a amizade é ritualizada durante a festa do cigarro.

Na casa cerimonial, eles dançam, um par de cada vez, e fumam até entrar em transe para conversar com os espíritos. As mulheres também realizam esse ritual, mas nas próprias casas, e não podem fumar.

Cabe aos homens derrubar e limpar o terreno para o roçado, mas o plantio e a colheita são tarefas exclusivamente femininas, com exceção da roça de fumo, onde as mulheres não podem nem entrar.

Sateré-maué

A formiga tem um significado especial e é muito respeitada por esses índios. Uma das espécies, a tocandira, é considerada como divindade e usada nos rituais de passagem. A picada é extremamente dolorosa, mas os meninos, para demonstrar coragem, têm que colocar a mão dentro de uma espécie de luva cheia de tocandiras e resistir impassíveis à dor. Só

depois disso são considerados adultos.

Os saterés-maués têm uma forte tradição agrícola e comemoram o fim da colheita com o tarubá, uma bebida fermentada tão forte que pode causar embriaguez por até um mês.

Uma de suas plantações tradicionais é o guaraná. Foram esses índios que domesticaram o arbusto silvestre e aprenderam a usar as sementes para fabricar uma bebida, que hoje é um refrigerante fabricado industrialmente no Brasil.

Suruí

Em determinadas épocas do ano essa tribo se divide. Um grupo fica fora da aldeia, enquanto a outra metade cuida do plantio, da colheita e do preparo da mandioca. No final, tudo é compartilhado.

Quem saiu retribui os alimentos da roça com os produtos da caça, da pesca e os artefatos que foram produzidos. Na estação seguinte há um revezamento, o que serve para fortalecer a coesão do grupo.

Tenharim

Esses índios costumam enterrar os mortos debaixo dos pisos das casas. Acreditam que o espírito permanece morando no local e usando os utensílios que possuía quando era vivo.

Para pescar, os tenharins têm um hábito curioso. Colocam dentro da água um

pedaço de madeira com o desenho dos peixes que querem capturar. Fazem isso sempre debaixo de árvores frutíferas, mas acreditam que a fartura da pescaria é explicada unicamente pelos desenhos. Eles só não pescam o boto e o peixe-boi, por serem considerados alimentos tabu.

Ticuna

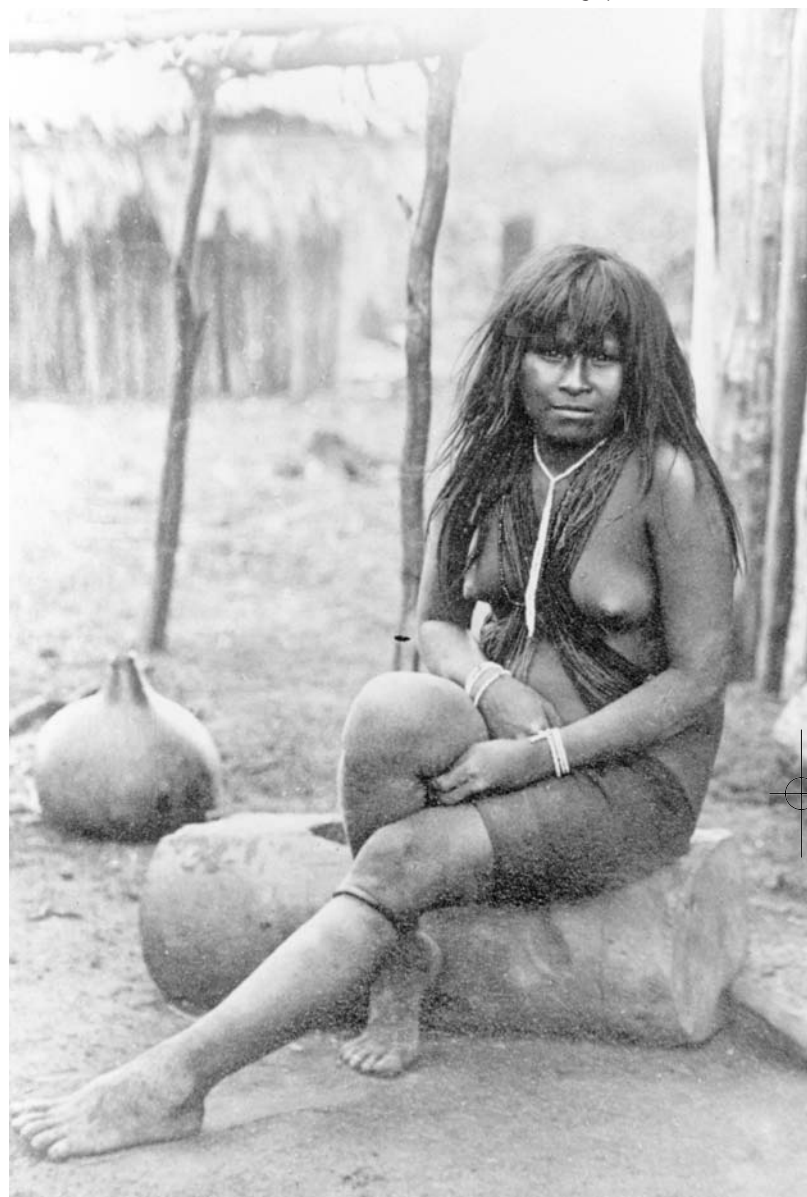
As meninas da tribo ticuna são submetidas a um ritual de iniciação quando ficam menstruadas. A festa sempre acontece na lua cheia, que representa beleza, bondade e sabedoria. Para essa comemoração, os índios, além de enfeites para as virgens, fabricam máscaras de monstros e macacos.

Um dos índios usa uma máscara com cara de serpente e incorpora o espírito do principal personagem do ritual, um monstro que vivia na água. Durante os festejos, o monstro faz gestos obscenos que divertem a tribo. Ele também ronda o cubículo onde a menina fica reclusa, batendo com um bastão no chão. Durante três dias e três noites, ela é protegida por duas tias que aproveitam o tempo dando conselhos: para ser uma boa mulher ticuna, ela deve ser ativa, trabalhadeira e respeitar o marido.

Tucano

Esses índios são extremamente vaidosos. Gastam dias e dias num grande esforço para capturar aves de plumagens belas,

Foto: Acervo Iconographia



Índia pareci

coloridas e variadas para fazer adornos. Também gostam de modificar as cores originais, dando comidas especiais para as aves ou aquecendo as penas. Esse processo é conhecido como tapiragem. Usam até duas dezenas de aves para um único adorno.

Texto 21 / Diversidade étnica e cultural

Foto Reprodução-Museu Emílio Goeldi

**Menina carajá**

Esses enfeites são utilizados em rituais e aqueles que usam as peças mais bonitas são muito prestigiados pela tribo.

Uaiuai

Fazia parte da cultura deles a troca de mulheres capturadas de outras aldeias, con-

sideradas troféus de guerra. Com a chegada dos holandeses que colonizaram o Suriname, antiga colônia nas Guianas, os índios estabeleceram esse mesmo tipo de relação, trocando mulheres por artigos europeus. Os holandeses se utilizaram dessa prática para conseguir que os índios, em vez de trazer mulheres, capturassem os escravos negros fugidos.

Uaiampi

Esse povo, falante de uma língua tupi, vive em ambos os lados da fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. Ali, cerca de 750 uaiampis ocupam o curso alto do rio Oiapoque. No Amapá, são cerca de 530, distribuídos em doze aldeias. Algumas famílias uaiampis procedentes do rio Cuc vivem hoje no Alto Peru do Leste.

No panorama da devastação social e ambiental que atinge a maioria das áreas indígenas no país, a atual situação dos uaiampis, no Amapá, representa um caso privilegiado. Expulsaram todos os invasores de sua terra, que eles mesmos demarcaram, numa extensão de 603.000 hectares, e que foi homologada em maio de 1996. Hoje buscam alternativas de desenvolvimento que garantam sua autonomia cultural e seus direitos à exploração exclusiva dos recursos de sua terra. Nesse processo criaram um conselho de aldeias, o APINA. A experiência de gestão das atividades de

produção e comercialização empreendidas pelas diferentes aldeias por parte do APINA vem tendo crescimento significativo ultimamente.

Nas festas de caxiri, as famílias de várias aldeias se reencontram para compartilhar de um acervo cultural que os uaiampis têm preservado e fortalecido ao longo desses últimos vinte anos de "contato".

A dança entre os uaiampis geralmente está dissociada da alegria, acontece mais em momentos de crise para aplacar a ira de Ianejar — o grande pai — que sempre ameaça destruir a humanidade.

O pajé, como lida com forças sobrenaturais, podendo atrair bons e maus espíritos, nesses períodos é sempre "vigiado". A tribo teme que ele provoque problemas desnecessários.

Ianomâmi

Os ianomâmis abrem várias trilhas para ligar as diferentes aldeias com as áreas de caça, os acampamentos de verão e as roças recentes e antigas. Eles fazem um constante rodízio entre esses lugares e com isso a floresta se recupera com rapidez.

Todos da tribo moram numa imensa casa coletiva e as crianças ocupam um lugar de destaque, suas necessidades são prontamente atendidas e seus pedidos sempre levados em conta. Embora haja um intercâmbio freqüente de mulheres e pro-

duto, cada uma das aldeias tem completa autonomia política e administrativa.

Esses índios queimam os seus mortos e comem as cinzas e acreditam que os espíritos, que podem ser bons ou maus, habitam as plantas e os animais.

A reserva dos ianomâmis fica próxima ao pico da Neblina, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Essa área tem sido invadida por garimpeiros atraídos pelas grandes reservas de diamante, ouro, cassiterita e urânio.

Zoró

Os zorós pertencem ao grupo lingüístico tupi e são herdeiros da tradição ceramista desse povo. Usam técnicas refinadas na fabricação de peças ricamente adornadas. Essa tribo foi descoberta em 1971, mas o primeiro contato só aconteceu sete anos depois e ainda hoje os zorós vivem relativamente isolados. Por seus traços delicados, são considerados, segundo descrição dos sertanistas, como os índios mais bonitos da Amazônia Ocidental.

Extraído do site www.ambientebrasil.com.br

ESTUDANTE CEGO REALIZA MOSTRA FOTOGRÁFICA



Quem poderia imaginar que uma pessoa cega não só fotografasse como também expusesse seus trabalhos numa mostra? Pois o estudante Fernando Camuaso Segundo realizou esse trabalho com grande sensibilidade e pretende levá-lo adiante.



Fotos: Fernando Camuaso Segundo

Fernando é angolano. Ficou cego aos 4 anos, em consequência do sarampo. Sentiu os horrores da guerra civil em seu país, está no Brasil há pouco mais de cinco anos e tem um filho brasileiro. Estuda como bolsista do curso de jornalismo em Florianópolis, e se projetou ao se integrar à disciplina introdução à fotografia, coisa antes impensável por se tratar de um cego.

Não vê nada, não lembra de nada antes dos 4 anos. Mas sabe quando tem sol, sente a luz, a claridade, até mesmo a neblina.

O nome, Fernando Segundo, se faz necessário numa cultura como a angolana, em que o primeiro Fernando é seu tio. Mas Fernando Camuaso Segundo já tem até nome artístico — quer ser chamado de Fernando Davaidade, por gostar tanto de fotografar quanto de ser fotografado. Ele classifica a própria atitude como vaidade.

A boa luz

Para produzir suas fotos, Fernando contou com a ajuda da professora Marina, que conta: “Na primeira saída para fotografar, caminhamos pelo centro da cidade, lado a lado. Eu descrevia o lugar por onde passávamos. Ele fazia perguntas, como sobre a altura do prédio, se havia janelas abertas, quantas pessoas. Conseguia reconhecer as nuances de claro e escuro e procurava saber — por sua própria sensibilidade à luz — se aquele lugar tinha iluminação suficiente para uma boa fotografia. Também éramos guiados pelos sons e cheiros que ele sentia. Todos os enquadramentos foram feitos por ele. Eu apenas arrumava o foco e fazia a leitura do fotômetro”, completa a professora.

Texto 22 / Diversidade de sentidos

Foto: Fernando Camuaso Segundo

**Auto-retrato**

A segunda saída foi localizada, a professora descrevia e Fernando enquadrava e fotografava. “Nessa saída, ele quis se fotografar. Montamos um tripé, ele enquadrava, se posicionava e eu apertava o botão.” Ele mesmo fez todas as ampliações no laboratório com a ajuda de uma monitora, que fazia o processamento químico.

Fernando quer viabilizar sua exposição de forma itinerante, em outras universidades e espaços públicos. Também sonha com um outro projeto, de produzir cartões-postais mostrando a sua visão sobre os pontos turísticos da ilha.

Texto adaptado e editado por Página Viva, extraído do site photos.uol.com.br/materia.asp?id

O PRATO DOS SÁBADOS



A feijoada completa é o mais tradicional e apreciado prato brasileiro. Nos seus ingredientes e modo de preparo ficam bem claras as influências das etnias que compõem o nosso povo.

Texto 23 / Diversidade cultural**PARA O FEIJÃO**

1,5 kg de feijão-preto novo
 4 paios
 2 lingüiças portuguesas
 2 lingüiças calabresas
 300 g de costelinha defumada
 1 kg de carne-seca
 300 g de lombinho de porco salgado
 1 orelha de porco salgada (sem cartilagem)
 1 língua de porco salgada
 3 folhas de louro
 salsa e cebolinha
 toucinho
 1 cebola ralada
 2 dentes de alho
 sal (se precisar)

**PARA OS ACOMPANHAMENTOS**

2 maços de couve-manteiga
 200 g de toucinho magro e gelado
 6 dentes de alho
 1 cebola
 1 kg de arroz
 óleo
 sal
 12 laranjas-pêra
 250 g de farinha de mandioca crua
 6 pimentas-malaguetas
 azeite de oliva para macerar a pimenta

**PREPARO NA VÉSPERA**

Lave as carnes salgadas e tire a gordura visível com um facão. Coloque de molho em água fria, trocando de água de quatro em quatro horas.

Escolha o feijão. Se for novo, não precisa deixar de molho.

Lave bem as folhas de couve e escorra. Retire os talos mais grossos.

Seque a couve e guarde na geladeira em sacos plásticos culinários, bem fechados.

**NO DIA, SEIS HORAS ANTES DE SERVIR**

Coloque o feijão numa panela bem grande, com bastante água fria, para que não seja preciso acrescentar mais. Ponha as folhas de louro. Assim que ferver, diminua o fogo.

Enquanto isso, corte as carnes que ficaram de molho em pedaços grandes ou, se preferir, deixe-os inteiros para cortar depois. Numa panela, afervente, trocando a água por três vezes.

Tempere-as com alho, cebola ralada, salsa e cebolinha picados, e refogue em um pouquinho de óleo.

Cubra com água e cozinhe até as carnes começarem a ficar macias. À medida que forem ficando cozidas (costelinha e lombo amaciam logo), retire com a escumadeira e reserve.

Quando o feijão começar a amaciar, junte as

carnes cozidas e as defumadas, e cozinhe, mexendo de vez em quando, até que carnes e feijão fiquem no mesmo ponto, macias e com um caldo grossinho e brilhante.

Atenção, se precisar juntar mais água no feijão, ela deve ser filtrada e fria. Água clorada deixa gosto.

Pique o toucinho em cubinhos de 0,5 cm e derreta na frigideira em fogo baixo, com um pouco de óleo. Retire-os com a escumadeira e reserve a gordura, deixando apenas 2 colheres (sopa) na frigideira.

Doure 2 dentes de alho bem picados nessa gordura, acrescente a cebola ralada, refogue e despeje no feijão. Experimente o sal e corrija se for necessário.

Deixe apurar.



PREPARE OS ACOMPANHAMENTOS

Caldinho de feijão

Separe algumas conchas de caldo de feijão, passe por peneira e sirva como aperitivo, acompanhando um copinho de boa cachaça.

Molho de pimenta

Corte, pique e amasse as pimentas com azeite e reserve numa cumбуquinha.

Couve (1ª parte)

Corte a couve bem fina e os dentes de alho em cubinhos bem pequenos.

Ponha um pouco da gordura do toucinho de volta na frigideira, aqueça e frite o alho até dourar. Retire com a escumadeira e reserve.

Salada de laranja

Descasque as laranjas, tirando toda a pele branca. Corte-as em fatias finas, desprezando o miolo e as sementes.

Arroz

Meia hora antes de servir a feijoada, prepare um arroz bem soltinho. Enquanto ele cozinha, refogue a couve.

Couve (2ª parte)

Na mesma gordura que sobrou da fritura do alho, refogue parte da couve; assim que murchar, vá reservando numa travessa, procurando mantê-la quente. Proceda assim, colocando gordura e refogando a couve aos poucos, até terminar.



PARA SERVIR

Retire as carnes da panela, bem quentes, e coloque-as em uma travessa pré-aquecida.

Você pode deixar as carnes inteiras ou fatiá-las, como preferir.

Regue as carnes com o caldo de feijão bem quente e sirva o feijão em cumбуca separada.

Tempere a couve com sal, misture, distribua os pedacinhos de toucinho e alho fritos por cima.

Sirva a feijoada com o arroz, a couve, a laranja, a pimenta e a farinha.

Dica importante

A feijoada pode ser cozida na véspera, mas deve ser temperada no dia.

Expediente

Comitê Gestor do Projeto

Timothy Denis Ireland (Secad – Diretor do Departamento da EJA)
Cláudia Veloso Torres Guimarães (Secad – Coordenadora Geral da EJA)
Francisco José Carvalho Mazzeu (Unitrabalho) – UNESP/Unitrabalho
Diogo Joel Demarco (Unitrabalho)

Coordenação do Projeto

Francisco José Carvalho Mazzeu (Coordenador Geral)
Diogo Joel Demarco (Coordenador Executivo)
Luna Kalil (Coordenadora de Produção)

Equipe de Apoio Técnico

Adan Luca Parisi
Adriana Cristina Schwengber
Andreas Santos de Almeida
Jacqueline Brizida
Kelly Markovic
Solange de Oliveira

Equipe Pedagógica

Cleide Lourdes da Silva Araújo
Douglas Aparecido de Campos
Eunice Rittmeister
Francisco José Carvalho Mazzeu
Maria Aparecida Mello

Equipe de Consultores

Ana Maria Roman – SP
Antonia Terra de Calazans Fernandes – PUC-SP
Armando Lírio de Souza – UFPA – PA
Célia Regina Pereira do Nascimento – Unicamp – SP
Eloisa Helena Santos – UFMG – MG
Eugenio Maria de França Ramos – UNESP Rio Claro – SP
Giuliete Aymard Ramos Siqueira – SP
Lia Vargas Tiriba – UFF – RJ
Lucillo de Souza Junior – UFES – ES
Luiz Antônio Ferreira – PUC-SP
Maria Aparecida de Mello – UFSCar – SP
Maria Conceição Almeida Vasconcelos – UFS – SP
Maria Márcia Murta – UNB – DF
Maria Nezilda Culti – UEM – PR
Ocsana Sonia Danylyk – UPF – RS
Osmar Sá Pontes Júnior – UFC – CE
Ricardo Alvarez – Fundação Santo André – SP
Rita de Cássia Pacheco Gonçalves – UDESC – SC
Selva Guimarães Fonseca – UFU – MG
Vera Cecília Achatkin – PUC-SP

Equipe editorial

Preparação, edição e adaptação de texto:
Editora Página Viva

Revisão:
Ivana Alves Costa, Marilu Tassetto,
Mônica Rodrigues de Lima,
Sandra Regina de Souza e Solange Scattolini

Edição de arte, diagramação e projeto gráfico:
A+ Desenho Gráfico e Comunicação

Pesquisa iconográfica e direitos autorais:
Companhia da Memória

Fotografias não creditadas:
iStockphoto.com

Apoio

Editora Casa Amarela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro. SP, Brasil)

Diversidades e trabalho / [coordenação do projeto Francisco José Carvalho Mazzeu, Diogo Joel Demarco, Luna Kalil]. -- São Paulo : Unitrabalho-Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho ; Brasília, DF : Ministério da Educação. SECAD-Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. -- (Coleção Cadernos de EJA)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 85-296-0055-X (Unitrabalho)

ISBN 978-85-296-0055-0 (Unitrabalho)

1. Diversidade do trabalho 2. Livros-texto (Ensino Fundamental) I. Mazzeu, Francisco José Carvalho. II. Demarco, Diogo Joel. III. Kalil, Luna. IV. Série.

07-0407

CDD-372.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livros-texto :
Ensino fundamental 372.19